



## ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM COMUNIDADES AMAZÔNICAS: UMA EXPERIÊNCIA NA FLORESTA NACIONAL DE TEFÉ, COARI E MANAUS (AM)

### Archeology and Patrimonial Education in Amazon communities: an experience in the National Forest of Tefé, Coari and Manaus, in Amazonas, Brazil

Francisco Everardo Girão<sup>1</sup>  
Arminda Mendonça<sup>2</sup>

#### Resumo

O trabalho foi desenvolvido nas comunidades ribeirinhas da Floresta Nacional de Tefé e nos municípios de Coari e Manaus, no Amazonas, com ações de Educação Patrimonial veiculadas por força das pesquisas arqueológicas do “Projeto Araracanga”, da PETROBRÁS. Foi necessário realizar oficinas de sensibilização arqueológica, palestras, apresentação de kit de sensibilização arqueológica e exposição fotográfica: “O fazer arqueológico”, bem como, visitas técnicas nas localidades ribeirinhas, sendo utilizada a metodologia de planejamento participativo com aplicação da matriz SWOT e destaque para as vocações naturais e culturais das localidades visitadas. Os resultados foram considerados positivos, embora do ponto de vista dos educadores haja plena consciência de que atividades realizadas sob a égide da educação, não se encerram apenas com o cumprimento do que foi proposto. Ressalta-se ainda a efetiva participação dos comunitários nas atividades de Educação Patrimonial nas comunidades ribeirinhas locais, bem como os professores multiplicadores do conhecimento arqueológico dos municípios envolvidos.

**Palavras-Chave:** Planejamento; Arqueologia; Educação Patrimonial; Comunidade.

#### Abstract

The work was developed in the riverside communities of the Tefé National Forest Park and in the municipalities of Coari and Manaus, in Amazonas, with Patrimonial Education actions carried out due to the archaeological research of the "Araracanga Project" of the PETROBRAS brand. It was necessary to hold workshops on archaeological awareness, lectures, presentation of archaeological sensitization kit and photographic exhibition: "The archaeological work", as well as technical visits in the riverside localities, using the participatory planning methodology with SWOT (Strengths, Weakness, Opportunities and Threats) matrix application and highlighting the natural and cultural vocations of the visited localities. The results were considered positive, although from the point of view of educators there is full awareness that activities carried out under the aegis of education do not end only with the fulfillment of what was proposed. It is also worth

---

<sup>1</sup>Geógrafo pela Universidade Estadual do Ceará, Especialista em Geografia da Amazônia Brasileira pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Mestre em Geociências pela UFAM, Coordenador do Turismo Comunitário da Empresa Estadual de Turismo do Amazonas-AMAZONASTUR e Professor Universitário. Consultor da Empresa CACTUS DA AMAZÔNIA: Consultoria Especializada. fcogirao@gmail.com

<sup>2</sup>Pedagoga pelo Instituto de Ensino Superior Celso Lisboa; Mestrado em Administração de Centros Culturais pela UNIRIO; Especialista em Arqueologia pela SUAM; Especialista em Antropologia Amazônica pela UFAM e Professora Universitária.



noting the effective participation of the communitarians in the Heritage Education activities in the local riverside communities, as well as the archaeological knowledge multipliers teachers of the municipalities involved.

**Keywords:** Planning; Archaeology; Patrimonial Education; Community.

## **Introdução**

O primeiro documento legal de proteção ao Patrimônio Cultural em geral e, mais especificamente, ao Arqueológico, data de 1937. A partir daí inúmeras outras leis foram instituídas e continuam a sê-la. Em que pese à longevidade desta legislação, somente a partir dos anos de 2012 é que estas passaram a ser levadas em consideração por parte dos empreendedores da construção civil. Isto acontece, dentre outros fatores, pelo desconhecimento que grassa na sociedade em geral, mas principalmente entre os educadores/professores, em especial aqueles que atuam nos cursos de engenharia, arquitetura e similares. Esses professores por sua vez, quando alunos, também não receberam este conteúdo e com isto é possível perceber que esta mudança só ocorrerá a médio e longo prazo quando os novos engenheiros e congêneres estiverem na ativa, substituindo seus professores.

Sensível a este problema o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN instituiu por força da Portaria N° 230/2002, a obrigatoriedade de que sejam realizadas ações de Educação Patrimonial e estudos arqueológicos em todas as fases de Licenciamento Ambiental no decorrer de obras de engenharia que possam vir a causar danos ao ambiente e como tal, ao patrimônio arqueológico, constitucionalmente, bem cultural inalienável, pertencente a Nação.

Neste panorama, este artigo tem a finalidade de fornecer dados sobre pesquisa arqueológica realizada por força da implantação das linhas flexíveis de surgência de gás natural, desenvolvido pela Petróleo do Brasil S.A – PETROBRÁS, denominado “Projeto Araracanga”, com 48km de extensão, ligando o poço de São Mateus2 (SMT2), em Tefé, à Província Petrolífera de Urucu, em Coari, municípios amazonenses (Figura 02) e as ações de Educação Patrimonial realizadas nos dois municípios citados e Manaus, capital do Amazonas.

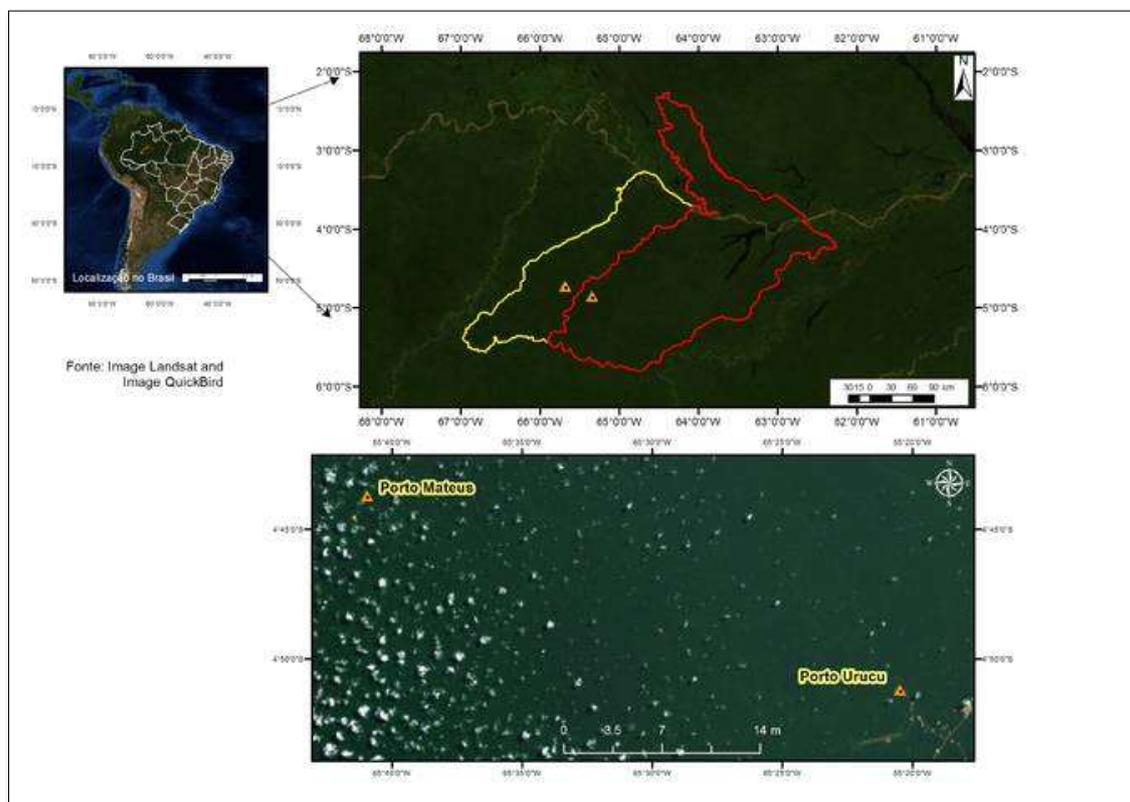
## **Localização da pesquisa arqueológica**

A Base-sede de Urucu do Polo Araracanga dista de Manaus aproximadamente 670 km, às margens do rio Tefé, está inserida num espaço geográfico dos municípios de Coari e Tefé no Amazonas, distante cerca de 450 km e 575 km, respectivamente, da capital



Manaus. Em outras palavras, a área do Projeto Araracanga está localizada entre os municípios de Coari e Tefé no Amazonas, perfazendo 48 km do Ponto 1-SMT-2-AM(Tefé) ao Porto de Urucu(Coari), conforme Figura 01.

**Figura 01** – Mapa de localização do Projeto Araracanga.



**Fonte:** PETROBRÁS (2014)

## O projeto Araracanga

O “Projeto Araracanga”, da PETROBRÁS, na perspectiva da arqueologia, foi desenvolvido em duas etapas distintas:

1 – Diagnóstico Arqueológico Interventivo, etapa correspondente a obtenção da Licença Prévia – LP, expedida pelo órgão ambiental do Amazonas, mas, como a PETROBRÁS já estava de posse da LP e precisava da Licença de Instalação mediante anuência do IPHAN, ao Relatório da etapa arqueológica correspondente: Prospecção Arqueológica Intensiva; e





cobras, lagartos e outros tantos mais, em meio a orquídeas e samambaias com os quais não se tinha intimidade. Experiências única, para experientes e pretendentes.

Equipe mínima e necessária, condizente com o espaço permitido pelo helicóptero que sobrevoava sobre um tapete verdejante e bruscamente, reto, descia encaixando numa clareira. Silêncio e solidão, embora num espaço densamente povoado, mas que olhos acostumados com a “urbis” não viam, ser quando o instituto de preservação da vida falava mais alto. Quarenta e oito quilômetros percorridos em cerca de seis meses, prolongados por falta de combustível para o termonebulizador, por conta das chuvas benéficas para a manutenção da floresta, mas impeditivas para decolagens e pousos no meio da mata, denso de vida, mas não humana, que resultaram em nenhum sítio arqueológico na vala com (40cm de largura e 60cm de profundidade), onde a “linha flexível de gás natural” seria instalada.

Trabalho concluído, a primeira etapa havia sido finalizada. Detentores das dificuldades e riscos de vida, a equipe após entregar relatório da primeira etapa ao IPHAN/AM, cientes de suas responsabilidades, encaminha o Projeto relativo a segunda etapa: o Monitoramento, já que agora, as máquinas iriam executar a supressão vegetal e “rasgar” uma estreita vala.

Baixas naturais e compreensíveis, no contingente humano envolvido, em alguns casos forçados pela alteração na condução do projeto:

- a) Na etapa concluída, desenvolvida pela Fundação Muraki, da UEA; e
- b) Empresa ganhadora do certame licitatório, já que alguns dos envolvidos deixou de ser aluno/professor do curso.

Independente dos percalços a nova equipe constituída, percorreu novamente os 48 km, acompanhando homens e máquinas que em nome do desenvolvimento e outro objetivo mais, impingia aquele espaço geográfico, atualmente desabitado por humanos, uma “chaga” a ser facilmente recuperada e protegida (as linhas flexíveis) pela sua incontestada capacidade de regeneração.

No saldo das duas etapas, coleta de superfície de cerâmica arqueológica, no entorno da área focal do Projeto Araracanga e o sentimento de frustração por parte da equipe de arqueologia, detentora da informação de que, aquela região pertencia a “Província de Machifaro” citada pelos religiosos que acompanharam as expedições de domínio das terras (Portugal e Espanha), ou a dos naturalistas viajantes, onde a louça era melhor que a de Málaga, no dizer de Carvajal, citado pelo Frei Samuel Fritz.



## A educação patrimonial na Floresta Nacional de Tefé, Coari e Manaus

Etapas das pesquisas concluídas, com relatórios entregues ao IPHAN/AM, diferentemente de inúmeros outros projetos similares (quando as ações de Educação Patrimonial caminharam “par e passo”) com a pesquisa, é chegado o momento de executar as ações propostas, as quais, com as devidas adaptações, tiveram por base o disposto no Guia de Educação Patrimonial de Horta et. al. (1990).

Com isto o que se quer dizer é que, levando em consideração as etapas metodológicas propostas no Guia: 1ª Observação; 2ª Registro; 3ª Exploração; e 4ª Apropriação, as ações desenvolvidas pela equipe de arqueologia para o Projeto de Aracanga, foram organizadas em seis eixos estruturantes: 1 – Palestras voltadas para professores e alunos dos Ensinos Fundamental, Médio e Universitário; 2 – Oficinas para Professores/Multiplicadores; 3 – Mesa Redonda “Educação Patrimonial, Arqueologia e Turismo”; 4 – Mostra Itinerante de Arqueologia; 5 – Kits de Sensibilização Arqueológica; 6 – Ajuri da Arqueologia. Sobre os dois últimos eixos, deve-se esclarecer: a) Kits de Sensibilização Arqueológica – constituem-se de pastas de note book contendo material arqueológico, das unidades de escavação ou matéria prima “in natura” utilizada natural ou modificada, à argila, na fabricação de artefatos cerâmicos, denominados pelo pessoal da arqueologia, de antiplástico e pelo da indústria oleira, de emagrecente ou desengordurante. Estes Kits, constituem um recurso para o caso de não se poder transportar a Mostra Itinerante constituída de 12 módulos/vitrines; b) Ajuri, denominação regional para a realização de atividade estafante, onde familiares, amigos e outros que atendendo convite do dono do serviço (responsável por fornecer a comida e bebida), ocorrem para auxiliá-lo, muito usado na derrubada da mata, “coivara” (queima da vegetação) e plantio da mandioca (*Manihot esculenta Crantz*).

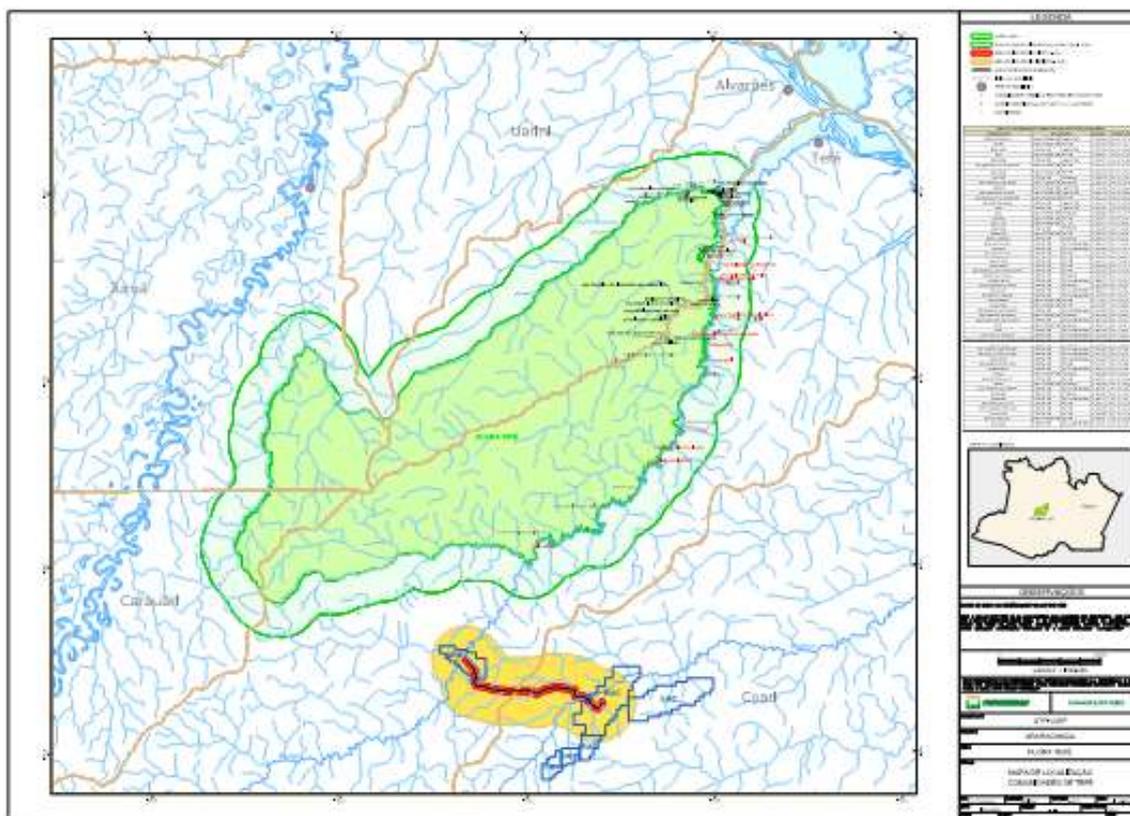
Em arqueologia, é assim denominado os trabalhos de montagem e desmontagem da Mostra itinerante, quando todo o grupo de arqueologia, independente a pesquisa ao qual esteja vinculado, vem em auxílio dos colegas. Muitas vezes, aquele que toca algum instrumento ou canta, fica encarregado de animar a equipe, a qual, diferentemente do ajuri dos povos da floresta, não tem direito a bebida e as vezes, nem mesmo a alimentação. Além de impingir celeridade ao serviço o Ajuri da Arqueologia tem servido para integrar a equipe que aproveita o momento para informar sobre o andamento da pesquisa sob a



sua responsabilidade ou para esclarecer alguma dúvida com relação a melhor alternativa para solucionar um imprevisto.

Os Kits, conforme citado são expostos no decorrer das duas primeiras ações e visita a sítios arqueológicos. Neste último tipo de ação, uma está a merecer destaque: a realizada na Floresta Nacional de Tefé (FLONA de Tefé), onde as 11 Comunidades trabalhadas estavam assentadas sobre sítio arqueológico pré-colonial (Figura 03).

**Figura 03** – Mapa da FLONA de Tefé e o Projeto Araracanga



**Fonte:** PETROBRÁS (2014)

Esta quarta ação foi a que, na medida em que demandou mais investimento (pois aliada a Medida Compensatória), foi a que rendeu maiores resultados. Por esta razão, em detrimento das demais ações, esta será aquela sobre a qual se fornecerão mais informações e como tal, invertendo-se a ordem de execução, será a última a ser apresentada e detalhada.

– No âmbito das Oficinas realizadas nos três municípios: Tefé, Coari e Manaus: adotando a metodologia Zoop-Metaplan, envolveu em Tefé, 35 professores; em Coari, 35



professores; e em Manaus 35 professores. Em que pese o contingente de possíveis multiplicadores atingidos “a priori” tem-se a certeza que esta ação “cairá no vazio” pois o cerne da Educação (sistemática e continuada), não foi atingido, muito embora o preceito legal (Portaria IPHAN nº 230/2002) tenha sido cumprido.

– A segunda ação realizada nos três municípios, envolveu um contingente maior de profissionais, mas, a exemplo da anterior, teve o mérito do alerta sobre o “Fazer Arqueológico”. Lançando mão de diferentes conteúdos, condizentes com o público alvo, tiveram o mérito de “apenas” sensibilizar quem já possui informações (e redundantemente, sensibilidade) para com a temática.

- No município de Tefé, problemas de comunicação entre Empresa responsável pela segunda etapa e as Instituições de Ensino (independentemente do nível), respondem para que as palestras tenham sido realizadas apenas na Escola Armando Mendes e em razão da equipe responsável por esta ação ter envolvimento com as Instituições de Ensino Superior – IES, foi também realizada uma palestra para (maioria) discentes dos cursos da UEA de Geografia, Turismo, História e Pedagogia Intercultural (focado em Professores de Comunidades Tradicionais-Indígenas e Ribeirinhas).
- No município de Coari, o panorama não foi diferente. Neste, conseguiu-se além de palestras numa única Escola envolver alunos e Professores que participaram da Oficina de Multiplicadores de outras Escolas, bem como de uma turma do Curso de Petróleo e Gás e Turismo.
- Em Manaus, as palestras envolveram Professores da Escola Haydeé Cabral Lyra, separada por uma rua de um dos sítios arqueológicos mais polêmicos do Estado: o Sítio Arqueológico “Nova Cidade” embargado pelo Ministério Público, por demanda do IPHAN, além desta, palestra para alunos de diversas Escolas Públicas e mais densa, das ações da Mesa Redonda “Educação Patrimonial, Arqueologia”
  - No âmbito dos Kits de Sensibilização Arqueológica, utilizados por membros da equipe desde 1987, participaram de todas as demais ações, em razão do seu uso e significado.

Ações na Flona de Tefé, acopladas aquelas desenvolvidas pela PETROBRÁS como Medidas Compensatória, onde o público-alvo (comunitários/ribeirinhos) com pouca ou nenhuma escolaridade, sem as regalias, da “úrbis”, dos serviços básicos, grande



maioria: saúde, educação, energia, água encanada, saneamento básico e outros serviços/ infraestruturas minimamente necessárias (à “urbis”, mas devidamente administradas/ gerenciadas, foram devidamente adequadas. Da(s) ação(ões) participaram: Uma boneca viva (Ludilu), profissionais da PETROBRÁS e da arqueologia.

As atividades iniciavam, via de regra, com toda a comunidade/equipe e a boneca trazendo um fragmento de cerâmica arqueológica pré-colonial e no meio da roda formada pelos participantes, entabulava uma conversa para comercializar o fragmento do artefato e o pessoal (arqueologia e PETROBRÁS) informava que não podia, que era “crime” e a boneca mantinha o diálogo, indagando se ela então era uma criminosa e a partir daí, as barreiras impostas pelas diferenças sociais de escolaridade/poder aquisitivo e o arsenal de preconceitos herdados dos primórdios da colonização eram quebrados. Ali eram todos apenas seres humanos integrados, interagindo para que a ação se revestisse de sucesso.

O segundo momento desmembrado em atividades distintas:

1 – A boneca, entre outras atividades, fornecendo kits de higiene bucal entre outras, às crianças e ensinando como utilizá-los, com a comunidade toda participando. Depois a boneca e os pequenos permaneciam brincando e aprendendo, enquanto os adultos e equipe iam para outro espaço.

2 – A equipe munida de banners, Kits de Sensibilização, Cartilhas impressas e Álbum Seriado com imagens de trabalhos de arqueologia em campo e o tratamento dispensado ao material cultural em laboratório, davam início a ação de Educação patrimonial. Isto porque nenhuma das Comunidades é dotada de energia elétrica.

Das doze comunidades habitantes da Flona de Tefé, apenas uma, a comunidade Bela Vista não participou sob a alegação de não terem sido informados pela PETROBRÁS da alteração da data da ação. Nas demais, invariavelmente estavam assentadas sobre um sítio arqueológico ou este ficava no espaço físico ocupado pela comunidade. Em todas, os resultados superaram as expectativas da equipe. Mas delas, a Comunidade Tauary, após a distribuição da Cartilha aos participantes e de ter ministrada a palestra com auxílio dos painéis fotográficos, o líder comunitário convidou a equipe para irem a um pequeno galpão aonde ficavam guardados os equipamentos utilizados na roça e no barco, bem como o combustível. Lá quatro urnas cinerárias (de enterramento de corpo cremado), pintadas de vermelho e preto sobre branco, com aplique zoomorfo na tampa,)



forma antropomorfa e o sexo do morto sinalizando, ainda com latossolo aderido. Encontradas e resgatadas pela comunidade no terreno aonde construíram a nova Escola. Mesmo sem saberem do que se tratava, guardaram o achado. De acordo com o depoimento dos comunitários, nunca haviam recebido a visita de um arqueólogo, o que não impediu que após quebrarem a primeira, substituíssem os instrumentos (enxadas e picaretas) por colheres de pedreiro para prosseguirem a escavação, o que responde pelas outras três exumadas terem sido retiradas intactas. O único “deslize” cometido, foi a remoção do sedimento de mistura com “farelos” de ossos humanos calcinados. A justificativa diminuir o peso da mesma.

Em reconhecimento aos cuidados dispensados ao material arqueológico, o arqueólogo, juntamente com o colega geógrafo, responsáveis pelas ações de Educação Patrimonial, abriram um espaço na agenda e ministraram as técnicas básicas de limpeza e higienização das urnas aos comunitários (Figura04).

**Figura 04** – Limpeza de Urna Cinerária



**Fonte:** Foto Shirley Pojo, 2013.

Em que pese o fato da palestra e trabalho com a Cartilha ter ficado prejudicado, este foi revertido com as explicações dadas sobre os procedimentos adotados nas escavações, tendo por base as fotos tiradas com celular por um comunitário da exumação das urnas, além da aula prática de limpeza e higienização dos artefatos.

Vale ressaltar ainda que, a Mesa Redonda ocorrida na Universidade do Estado do Amazonas – UEA, foi intitulada em “Educação Patrimonial, Arqueologia e Turismo, na Escola Superior de Arte e Turismo, datada de 23 de maio de 2014, organizada pela Dra.



Selma Batista – Coordenadora do Curso de Turismo, com palestras proferidas (por ordem de apresentação e título) Maria Anunciação (PETROBRÁS) – Medidas Compensatórias no Gasoduto Coari-Manaus, na Flona de Tefé; Maria Arminda Mendonça, MSc., (PCCM) – Patrimônio Cultural e Arqueologia; Francisco Everardo Girão, MSc., (PCCM) – Turismo e Arqueologia na Comunidade AGROVILA; Gisele Felipo (UEA) – Educação Patrimonial nos Sítios Arqueológicos em Silves/AM; Adilon Pereira Inuma (PCCM) - Cultura Material Arqueológica.

### **Considerações Finais**

As ações de Educação Patrimonial desenvolvidas por força das pesquisas arqueológicas do “Projeto Araracanga”, da PETROBRÁS, numa avaliação geral foram consideradas exitosas, em que pese o fato de, enquanto educadores, ter-se a plena consciência que qualquer atividade realizada sob a égide da Educação, não se encerra apenas com o cumprimento do que foi proposto. Pelo contrário, a educação é um processo contínuo e extensivo que implica sempre num recomeço: ação realizada – avaliação dos resultados – retomada das ações com ajustes e adequações – reavaliação – recomeço... e, para o Educador, sempre presente o sentimento de que é preciso fazer mais, muito mais, pois apenas aprendiz, tem a plena convicção de que pouco ou quase nada alcançou, que é preciso melhorar, pois a busca do “estado da arte” na educação é o que move o Educador à eterna busca.

Com esta certeza, tem-se a certeza do dever cumprido se é esta, se canteiro da esperança foram semeadas as sementes multicoloridas da cidadania, da autoestima e do pertencimento pela herança recebida dos ancestrais.

### **Referências Bibliográficas**

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. et. all. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

PINTO, Renan Freitas (Org.). **Diário do Padre Samuel Fritz**. Manaus: EDUA, 2006.

PETROBRÁS. **Educação Patrimonial nos Município de Tefé, Coari e Manaus**. Manaus: Petrobrás, 2014.

PETROBRÁS. **Cartilha de Educação Patrimonial**. Manaus: Petrobrás, 2014.



**MARUPIARA**

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS  
SUPERIORES DE PARINTINS

SOUZA, Arminda Mendonça e Soares Eliana Martins. **Cartilha de Arqueologia**. (Inédita). Manaus, 2014.

Trabalho apresentado em 19/02/2017

Aprovado em 02/06/2017